

## **DO BIOPODER À INFOCRACIA: EXPLORAÇÃO CONTEMPORÂNEA DE DADOS**

TAINÁ SILVA DE OLIVEIRA<sup>1</sup>; CLADEMIR LUIS ARALDI<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas (UFPe) – oliveirasilvataina@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas (UFPe) – clademir.araldi@gmail.com

### **1. INTRODUÇÃO**

Desde a revolução industrial e o advento da máquina a vapor, a tecnologia tem se desenvolvido com velocidade e proporção nunca antes vistas, de forma que computadores que ocupavam salas inteiras, atualmente cabem no bolso e possuem capacidade tecnológica exponencial. Essa informatização tecnológica recebeu por diversas vezes a categorização de “era da informação”, no entanto o mecanismo dos algoritmos produz verdadeiras bolhas sociais, em que cada usuário acessa conteúdos que já estão no horizonte de seu interesse e da sua posição; o que enviesa e polariza cada vez mais seus usuários, de forma que cada indivíduo é alimentado sua barra de rolagem infinita por informações que corroboram para crença que cada um com seu dispositivo detém a verdade na palma da mão.

Atualmente especialistas apontam para o que vem se tornando não só uma nova commodity, como uma nova capacidade capaz de superar até mesmo de superar o valor de mercado do ouro negro: os dados. Diariamente é produzida na internet uma quantidade obscena de conteúdos que resultam em dados valiosos para empresas analisarem, medirem, projetarem e negociarem perfis de cidadãos como potenciais consumidores -ou em alguns casos, eleitores.

O fato é que a tecnologia tende a permanecer e se intensificar no tecido social, complexificando as relações, de forma que se faz urgente a reflexão de que relações são essas. À luz dos filósofos contemporâneos FOUCAULT (1926-1984), CHUL HAN (1959) E MBEMBE (1957), busca-se desvelar tais imbricamentos.

### **2. METODOLOGIA**

A metodologia proposta consiste em pesquisa bibliográfica por intermédio de fontes primárias e secundárias e análise filosófica, baseada em uma abordagem teórica acerca de conceitos dos filósofos contemporâneos FOUCAULT (1926-1984), CHUL HAN (1959) E MBEMBE (1957).

### **3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Dois conceitos criados pelo filósofo Michel Foucault foram utilizados como ponto de partida para a leitura da questão da tecnologia na contemporaneidade, especificamente o fator de produção e tratamento de dados, são eles: panóptico e biopoder. Panóptico, conceito emprestado de Bentham, refere-se à disposição arquitetônica, que usa materiais e ferramentas pesadas de segurança; bem como o uso constante da força, substituída por uma inteligente disposição espacial que favorece a vigilância, mas sobretudo, a sensação de estar sendo vigiado. Foucault lê essa disposição como forma de materializar a divisão entre o dito

normal ou anormal, dócil ou perigoso. Este dispositivo que introjeta a vigilância será fundamental para a organodisciplina, a técnica de poder disciplinar inserida pelas instituições e que refere-se ao treinamento do corpo e da obediência à norma: é por sentir-se vigiado e pelo medo da punição que se obedece. No panóptico cada um sujeita-se espontaneamente à servidão sem que seja forçado ou efetivamente punido para tanto: basta que a ilusão de estar sendo observado exista. No fim, é a normalização por intermédio do medo. Se antes a possibilidade de monitoramento pela autoridade era possível através da arquitetura de uma prisão, hoje é viabilizada pela criação de técnicas de vigilância invisível que promovem a vigilância total. O espaço público e privado é passível de monitoramento ininterrupto, onde todo mundo é potencial vigilante e delator de todo mundo. O guarda da torre que vigia as celas, hoje, é dispensável; basta a existência de simpáticos lembretes no espaço: “sorria, você está sendo filmado”. Não há polícia ou segurança em 2025, que não conte com aparato de câmeras, smartphones, drones, redes wifi, etc.

A lógica do biopoder, isto é, “fazer viver, deixar morrer”, consiste numa nova forma de poder, que surge com o estado moderno, posterior à lógica de soberania (“fazer morrer, deixar viver”). Tal máxima está presente na incidência do poder sobre o homem corpo, ou organodisciplina, relativo ao organismo, à disciplina introjetada pelas instituições (treinamento individual que objetiva a obediência, a docilidade e o aumento de produtividade); e sobre o homem espécie, ou biorregulamentação, relativo à população, aos processos biológicos, aos mecanismos regulamentadores associados ao Estado (indução de comportamentos pertinentes à sexualidade, processos de natalidade; à saúde e aos cuidados higiênicos). O vislumbre da biopolítica é o campo da tratativa massificada dos corpos, da população: a baixa na morbidade, o prolongamento da vida, o aumento da natalidade; daí o “fazer viver e deixar morrer” do chamado biopoder que governa a população. O governo dá-se, então, não mais pela ameaça à vida, mas pelo contrário: pela oferta dela.

Atualmente a biopolítica pode se munir com uma produção, coleta e armazenamento de dados nunca antes vista na história: com reconhecimento facial e rastreamento; tecnologias de coleta e monitoramento de dados relacionados ao corpo e à saúde; centralização e cruzamento de dados de diversos sites e aplicativos governamentais e privados para traçar e identificar perfis e comportamentos. A cooptação de dados é inserida em aplicativos que regulam a dieta e a vida fitness; monitoram ciclos reprodutivos etc.

Até o momento falamos sobre o prolongamento da vida, o aumento das forças produtivas, deixando de lado o elemento “deixar morrer” - também constituinte do biopoder. Essa face de morte do biopoder vai se apresentar na figura do racismo como mecanismo primordial do estado, ou seja, como mecanismo que vai subdividir e principalmente hierarquizar a espécie de acordo com as raças: a manutenção do biopoder de acordo com predisposições de raças superiores e raças inferiores, corpos para se fazer viver e corpos para se deixar morrer, uma relação biológica.

O filósofo contemporâneo Achille Mbembe, leitor de Foucault, apresenta o conceito de necropolítica. Refere-se ao modo em que as instituições operam na gestão da morte, com uma série de mecanismos e condutas que produzem as condições para morte, e efetivamente a morte, sobre determinados corpos. A soberania de estado em sua expressão máxima, que é o controle da mortalidade, o descarte do humano tido como “inútil” no modo de produção capitalista: os desempregados, os miseráveis sem poder de compra; os negros e indígenas,

povos historicamente marginalizados e escondidos nos confins das zonas periféricas, os potencialmente “perigosos”. Para Mbembe, há outra óptica lógica de atuação do poder: “fazer morrer, deixar viver”. A própria produção tecnológica só é viável pela repartição do mundo em zonas que podem ser exploradas e utilizadas para o extrativismo de matérias primas para a produção de dispositivos tecnológicos. O custo de *hardwares* depende de uma complexa cadeia produtiva que se utiliza de empresas terceirizadas; subempregados e colonialidade para sua existência.

A maior parte dos trabalhadores em moderação de conteúdo na internet estão distribuídos entre Filipinas, Índia, Brasil e leste africano. Essa área ocupacional é envolvida em polêmicas relacionadas às condições de trabalho insalubres ligadas à exposição de conteúdos com violência extrema que impactam diretamente a saúde mental.

Grupos marginalizados e minorias políticas são constantemente alvos dos prejuízos provenientes de tecnologias de vigilância, exposição de imagem, enviesamento de algoritmos e da dificuldade ou mesmo ausência do acesso aos bens tecnológicos. Em suma: por trás da inebriante evolução tecnológica há a perpetuação da necropolítica para sua existência.

Para o filósofo Byung Chul Han, é o regime de informação que impera na contemporaneidade, denominação sobre a maneira que o processamento de informações por algoritmos e inteligência artificial implicam diretamente processos sociais, políticos e econômicos. Ao contrário do regime disciplinar da organodisciplina, que produz docilidade, é a exploração da produção de dados em vez da exploração de energia de sujeitos obedientes: é preciso que o sujeito se suponha livre, criativo e autêntico, para então produzir e performar. Difere, ainda, do panóptico, pois a comunicação é demandada e explorada ao invés do isolamento, afinal, dados precisam ser produzidos. O foco deixa de ser o corpo, se volta para apropriação da psique pela psicopolítica, uma forma de produção de análises preditivas referentes a comportamento, consumo, voto, etc. O nível de influência do regime de informação é tanto que torna decadente a democracia, devido a perda de capacidade discursiva gerada pela Infocracia: bolhas informacionais decorrentes de relações algorítmicas; câmeras de ecos em que as conexões são somente com o semelhante; comunicação afetiva em lugar de racionalidade, em que opiniões são confundidas com identidades. O essencial para a democracia seria a capacidade discursiva e a escuta, que são inviabilizadas na lógica operativa da infocracia, que marcaria o fim da capacidade comunicativa e da esfera pública. A comunicação passa a ser, majoritariamente, produzida no interior do espaço privado para o espaço privado.

#### 4. CONCLUSÕES

A introjeção de um novo dispositivo de poder não substitui o anterior, mas o sobrepõe: temos então uma extensa e complexa relação entre dispositivos que coexistem, modificando e sofisticando suas próprias técnicas e gerando terreno fértil para o surgimento de outros dispositivos de poder.

Esse trabalho de pesquisa tem por objetivo observar e analisar os principais dispositivos de poder dos filósofos apresentados, suas relações entre si e entre a produção de dados proporcionada pelas tecnologias atuais.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARALDI, Clademir Luís; VALEIRÃO, Kelin. **Os herdeiros de Nietzsche: Foucault, Agamben e Deleuze**. Pelotas: NEPFil online, 2016.

BANDEIRA, Belkis; ARALDI, Clademir; VALEIRÃO, Kelin, & Schio, S. M. (2016). **II Seminário Internacional Michel Foucault: cinquentenário de as palavras e as coisas-Volume II**. Dissertatio Filosofia. UFPel. Pelotas: 2016.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário Foucault**. Autêntica, Belo Horizonte, 3ª edição, 2024.

DA SILVA FERREIRA, Sérgio Rodrigo. **O que é (ou o que estamos chamando de) 'Colonialismo de Dados'**. PAULUS: Revista de Comunicação da FAPCOM, v. 5, n. 10, 2021.

RODRÍGUEZ, Facundo. **Byung-Chul Han: Sobre la revolución digital**. Revista Chilena de Semiótica, v. 6, p. 88-98, 2017.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. (org. e trad. Roberto Machado). Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel; tradução de Raquel Ramallete. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 20ªed Petrópolis: Vozes, 1987.

FOUCAULT, Michel, tradução Maria Ermantina Galvão. **Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)**. 2ªed. - São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, Michel. **Do governo dos vivos**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Editora Vozes, Petrópolis/RJ, 2015.

HAN, Byung-Chul. **Infocracia: digitalização e a crise da democracia**. Editora Vozes, Petrópolis/RJ, 2022.

KLEINMAN, Zoe. **A rotina traumatizante dos moderadores de redes sociais: 'Sacrifício minha saúde mental pelos outros'**. BBC News, 2024. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cx2d5j3pzewo>. Acesso em: 20/01/2025.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

PICCHIONE, John. **Byung-Chul Han: Digital Technologies, Social Exhaustion, and the Decline of Democracy**. New Explorations, v. 3, n. 2, 2023.

ORLOWSKI, Jeff. Documentário: **O dilema das redes sociais**, 2020.

OLIVEIRA, Salete; AUGUSTO, Acácio. **a segurança e o ingovernável**. verve. revista semestral autogestionária do Nu-Sol., n. 31, 2017.